

AS ORAÇÕES RELATIVAS NAS ATAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE OURO PRETO/MG ¹

*[THE RELATIVE CLAUSES IN THE
MINUTES OF OURO PRETO CITY
COUNCIL PUBLIC HEARINGS]*

CLÉZIO ROBERTO GONÇALVES

Professor Doutor da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil

[cleziorob@gmail.com]

VERÔNICA BARÇANTE MACHADO

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, Ouro Preto, Minas Gerais, Brasil

[vero.barcante@gmail.com]

¹ Comunicação apresentada na XIII Semana de Letras – DELET/ICHS/UFOP – *Culturas da Escrita, Culturas da Oralidade*, no período de 24 a 27 de novembro de 2015.

RESUMO

Este trabalho se propõe a fazer um levantamento quantitativo das orações relativas nas atas das audiências públicas da Câmara Municipal de Ouro Preto, Minas Gerais. O emprego das orações relativas preposicionadas, no português do Brasil, apresenta variantes padrão e não-padrão. Os trabalhos de Mollica (1977) e Tarallo (1983) contêm dados que indicam que a variante padrão está sendo, gradativamente, substituída pelas não-padrão. Esta pesquisa foi realizada com o intuito de verificar se a conclusão dos autores procede, pois as atas pesquisadas são, pretensamente, representações da fala espontânea. Os resultados mostram que a variante não-padrão cortadora foi a mais encontrada nas atas selecionadas para esse estudo. Isto pode ser um indicativo de que, além de esse ser um fenômeno presente na fala, é possível que esteja se transferindo para a esfera escrita da língua, já que os autores das atas não transformaram as ocorrências observadas em variante padrão nos documentos analisados.

PALAVRAS-CHAVE

Orações relativas; Audiências públicas; Câmara Municipal de Ouro Preto.

ABSTRACT

The aim of this paper is to make a quantitative survey of relative clauses found in the minutes of the City Council public hearings of Ouro Preto / MG. The use of prepositional relative clauses in Brazilian Portuguese presents standard and non-standard variants. The data presented by Mollica (1977) and Tarallo (1983) show that the standard variant has been gradually replaced by the non-standard variant. In this sense, our survey was conducted in order to verify if the authors' findings proceed since the minutes researched here are supposedly spontaneous speech representations. The results have shown that the non-standard PP-chopping was the one most found in the minutes selected. This can be an indication that aside from being a phenomenon present in the speech, it might be a phenomenon being transferred to the written language sphere; since the minutes' authors have not turned the occurrences of the non-standard into standard variants in the phenomenon observed in the documents analyzed.

KEYWORDS

Relative clauses; public hearings; Ouro Preto City Council.

Introdução

Este trabalho se propõe a fazer um levantamento das ocorrências de orações relativas, chamadas de adjetivas pela gramática normativa, nas atas de audiências públicas (AP) da Câmara Municipal de Ouro Preto, Minas Gerais (CMOP). É parte da pesquisa de mestrado em andamento intitulada *As orações relativas nas atas de audiência pública da Câmara Municipal de Ouro Preto (MG): uma abordagem sociolinguística*.

As Gramáticas Normativas (GN) apresentam, no emprego das orações relativas no português do Brasil (PB), apenas formas padronizadas e desconsideram os usos que os falantes fazem da estratégia relativa. Essas orações são classificadas pela GN, simplesmente, em restritivas e explicativas.

O emprego das orações relativas no PB, conforme os estudos de Tarallo (1983) e Mollica (1977), oscila entre as formas padronizadas e as não padronizadas. Os autores encontraram, basicamente, três tipos de orações relativas: (1) padrão, (2) copiadora² (ou pronome resumptivo) e (3) cortadora, exemplificados, respectivamente, a seguir:

- (1) A moça com quem falei.
- (2) A moça que eu falei com ela.
- (3) A moça_que eu falei.

Mollica, em seus estudos sobre a oração relativa copiadora (MOLLICA, 1977), postulou sua regra de apagamento (relativa cortadora) e procurou determinar os contextos favoráveis para que esse fenômeno ocorresse. A autora apresenta seus resultados mostrando que os traços não humano, especificado e a ideia coletiva, assim como a distância zero, condicionam o aparecimento da relativa cortadora.

Tarallo (1983), por sua vez, ao dar continuidade aos estudos de Mollica, concluiu que o PB está caminhando a favor do aparecimento da relativa cortadora, que gradativamente está substituindo a variante padrão. Mollica, ao revisitar sua pesquisa, procurou endossar a ideia de Tarallo de que o PB estaria caminhando a favor das relativas cortadoras.

² A partir de agora, utilizar-se-á o termo *copiadora* da autora Mollica (1977), devido ao fato de seu trabalho ser anterior e base para o trabalho de Tarallo (1983), que utilizou o termo *pronome resumptivo* para se referir à mesma estratégia relativa.

Kato (1993) apresenta uma proposta para os estudos das orações relativas não padrão, associando-as com elementos de deslocamento à esquerda.

Teixeira (1938) trata sucintamente as orações relativas como uma troca de regência verbal. Segundo o autor, alguns desses fenômenos são específicos da fala das classes médias. Observa-se que o que Mollica (1977) e Tarallo (1983) tratam como copiadora é apresentado por Teixeira (1938) como pleonasma, como exemplificado a seguir:

(4) Olha a casa que morei.

(5) A casa que morei nela.³

Ao realizar o trabalho de redatora de atas na Câmara Municipal de Ouro Preto/MG (CMOP), entre os anos de 2007 e 2012, foi possível observar que o fenômeno estudado pelos autores supracitados ocorria frequentemente nos documentos redigidos pelos funcionários da Seção de Atas, gerando, assim, uma motivação para investigar o fenômeno em questão.

O aparecimento das relativas não padrão na oralidade foi observado pelos autores mencionados; assim sendo, pesquisá-lo e encontrá-lo em documentos oficiais poderia ser uma comprovação da hipótese de que o fenômeno está se transferindo também para a esfera escrita da língua.

Entre os anos de 2007 e 2013, trabalhei como redatora de atas na CMOP. Esse cargo proporcionou-me um grande aprendizado a respeito da estrutura e da redação dos dois tipos de registro das reuniões da CMOP: as atas das reuniões ordinárias e as atas das AP. Apesar de ter aprendido a estrutura e a redação das atas das AP, durante a maior parte do tempo em que trabalhei na instituição, redigi as atas das reuniões ordinárias. Ao me dedicar à redação dos dois tipos de documentos, notei, como estudiosa, a riqueza linguística que eles apresentavam. Cada tipo de ata, com suas características, representa uma inesgotável fonte de objetos, que podem ser estudados a partir de perspectivas diferenciadas.

A seleção das atas das AP não foi uma escolha aleatória. Os documentos são redigidos a partir de uma pretensa representação da fala, que é conhecida na CMOP por fala na íntegra, ou seja, o que é dito pelos participantes das reuniões é transcrito quase literalmente nas atas.

³ Teixeira (1938, p. 83)

Digo “quase literalmente” uma vez que alguns aspectos fonológicos e/ou lexicais podem sofrer correção por parte dos redatores. Alguns desses funcionários, em sua maioria, não possuem muitos critérios para fazer essas alterações e costumam transcrever as atas da mesma forma com que escutam as falas.

Mollica (2006), ao estudar os processos que migram da fala para a escrita em uma amostra de textos de sessões de jornais, analisou estruturas relativas ao fenômeno de simplificações estruturais que se caracterizam pelo cancelamento das preposições em fronteiras complexas. A autora estudou construções *queístas*⁴ e *cortadoras*, concluindo que as estruturas *queístas* migram para a escrita com maior frequência, se comparadas às *cortadoras*. A pesquisadora confirmou, através de dados, que os jornais populares dirigidos a um público leitor de menor escolarização apresentam textos mais próximos da língua falada.

Pode-se sugerir um princípio de que as variantes inovadoras “preferem” textos, digamos, “mais vulneráveis” que, no continuum fala/escrita carregam traços de oralidade em função de características de gênero discursivo e de nível de formalidade discursiva, assim como de tipo de veículo de informação. (MOLLICA, 2006, p. 171).

A escolha pelo referencial teórico da sociolinguística variacionista justifica-se uma vez que a questão da variação das orações relativas, especialmente da relativa *cortadora*, foi observada especialmente na fala registrada dos vereadores e dos demais presentes nas seções, tanto nas atas das AP quanto nas atas das reuniões ordinárias da CMOP. Portanto, por ser um fenômeno que apresenta variantes utilizadas com o mesmo valor referencial (LABOV [1972] 2008), optou-se por um estudo sociolinguístico.

A partir da apresentação das gramáticas e dos estudos sobre as orações relativas de Mollica (1977), Tarallo (1983) e Kato (1993), notou-se que um mesmo tema pode apresentar várias perspectivas. Averiguar se as conclusões de Tarallo são procedentes nasce da necessidade de contribuir para os estudos sociolinguísticos. Sendo assim, essa pesquisa advém da possibilidade de se fazer um registro histórico “ao vivo” de uma provável

⁴ As estruturas *queístas* estudadas por Mollica (1989) referem-se ao apagamento da preposição antes da partícula “que” em orações subordinadas substantivas cuja transitividade solicita a preposição. O *queísmo* trata-se de uma operação natural do sistema seguindo a preferência à transitividade direta.

mudança em progresso, utilizando a perspectiva da sociolinguística varia-
cionista.

A partir de algumas investigações iniciais, foi possível formular duas
hipóteses e questionamentos a respeito do tema em questão:

1. As estratégias relativas cortadora e copiadora estavam presentes
nas atas da CMOP. Com qual frequência isso acontecia? Seria um
fenômeno que ocorria raramente?
2. As pesquisas de Mollica e Tarallo encontraram ocorrências apenas
na oralidade. O presente trabalho busca observar, através da aná-
lise de documentos escritos, se o fenômeno pode estar se transfe-
rindo para a esfera escrita da língua.

Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é investigar se a variante
padrão das relativas está sendo, de fato, substituída, através do tempo, pela
variante não padrão, como apontam os estudos de Tarallo (1983).

1 As Orações relativas

1.1 As orações relativas segundo as gramáticas normativas

As orações relativas, que são denominadas pela GN como orações
adjetivas, se fundem em um processo que pode ser descrito sucintamente
e que se fundamenta na co-referência entre elementos de uma oração ma-
tris (principal de acordo com a GN) e de uma oração encaixada em que
estão envolvidos o antecedente, o morfema relativo e a posição relativizada
(representados no exemplo 6 pelas letras A, B e C, respectivamente).

(6) O [livro] de [que] você gosta[] está esgotado.

A B C

Foram analisadas as gramáticas normativas de Ribeiro (1896), Borges
(1910), Dias (1959), Leme (1934), Cruz (1954), Tôres (1960), Brandão
(1963), Almeida (1964), Savioli (1984), Kury (1972), Rocha Lima (1994),
Cegalla (1995), Cunha & Cintra (2007) e Bechara (2006).

Ribeiro (1986) e Brandão (1963) nomeiam as orações relativas como
cláusulas, mas não justificam essa nomenclatura; Leme (1934), Kury
(1972) e Savioli (1984) afirmam que essas orações equivalem a um adjunto

adnominal; Ribeiro (1986), Borges (1910), Cruz (1954), Brandão (1963) e Almeida (1964) mostram que elas equivalem a um adjetivo. Ou seja, alguns autores utilizam como critério a classe gramatical, e outros utilizam critérios sintáticos. A maioria deles classifica as orações em restritivas e explicativas e utiliza os mesmos critérios para essa classificação (semântico e linguístico), mas não traz maiores explicações para a utilização desses parâmetros. Dias (1959) distingue as orações relativas em qualitativas e utiliza relações de causa e consequência para a classificação e diferenciação entre elas. Porém, esses critérios são um tanto vagos e pouco explicativos. Borges (1910) trata as relativas como orações incidentes, mas também não traz maiores explicações para o termo.

Rocha Lima (1994), Cegalla (1995) e Cunha e Cintra (2007) igualmente não trazem muitas informações diferentes a respeito do fenômeno: fazem a mesma classificação e, para isso, apresentam os mesmos critérios vagos. Bechara (2006), porém, trata do assunto dentro da seção das orações de transposição adjetiva. Ele é o único autor que faz uma pequena referência a um tipo de relativa não padrão na língua e menciona a linguagem coloquial dentro do fenômeno estudado.

1.2 As orações relativas segundo as gramáticas de usos

Foram analisadas as gramáticas de Koch (2002), Castilho (2010) e Perini (2007, 2010). A gramática de usos apresenta não somente as orações relativas padronizadas e não padronizadas, mas também apresenta um estudo a respeito do tema, correlacionando-o com diversas pesquisas que versam sobre o assunto. A gramática de Castilho (2010) apresenta um estudo mais completo a respeito das orações relativas. Ele menciona as nomenclaturas das gramáticas normativas, faz associações às pesquisas sobre o tema e apresenta as nomenclaturas para as relativas não-padrão que são encontradas nesses estudos.

Perini (2007) apresenta nomenclaturas e explicações para as classificações gramaticais; porém, suas explicações, tais como as gramáticas normativas, são baseadas em critérios vagos. O autor não apresenta nenhum estudo e nem justifica o motivo pelo qual faz mudanças nas nomencla-

turas tradicionais. Em sua gramática de 2010, faz o mesmo: além de não apresentar nenhum estudo, trata as relativas não-padrão como desvios da norma culta.

1.3 Alguns estudos sobre as orações relativas

1.3.1 Os estudos de Mollica (1977/2003)

Mollica (1977) utilizou, em sua pesquisa *Um estudo da cópia nas construções relativas em português*, dados de informantes cariocas gerados a partir de entrevistas gravadas com estudantes do MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização). A autora considerou a variação entre relativas copiadoras e relativas com lacuna, incluindo tanto relativas padrão como não padrão cortadoras, compreendendo que, em ambos os casos, ocorre o apagamento do pronome. Em seu trabalho, investigou os fatores linguísticos que condicionam a ocorrência do uso de pronomes correferentes ao elemento relativizado nas estruturas relativas.

A autora postulou a regra de apagamento da cópia e concluiu que os contextos mais favoráveis a esse sistema repousam nas características do nome do antecedente do sintagma relativizado. Sentenças em que o antecedente possuía o traço não humano possuíam menos possibilidade de variar e apresentavam a regra aplicada; porém, aqueles cujo antecedente era de traço humano variavam mais e ocorriam em contextos menos favoráveis à regra.

Para Mollica (1977), os ambientes linguísticos propícios ao apagamento da cópia devem estar situados nas características dos traços semânticos não humano, especificado e de ideia coletiva, somado à distância zero, sendo que o fator distância apresenta-se como o mais forte. A regra de apagamento da cópia aplica-se com elevada probabilidade em sintagmas de sujeito.

Em 2003, ao retomar alguns estudos sobre as construções da relativa, Mollica considerou um intervalo de quase vinte anos, denominado “estudo em tempo real”, no português falado na região do Rio de Janeiro. Em seu trabalho, procurou demonstrar que o português brasileiro está ca-

minhando na direção das denominadas “variantes cortadoras” que, conforme o estudo de Tarallo (1985), seria a perda das preposições.

A autora constata, em seus dados, que a variante cortadora vai sendo preferida à medida que aumenta o nível de escolaridade dos falantes. Além disso, esse fator inibe o uso da estratégia copiadora, a menos que o fator distância esteja atuando na construção das orações.

Segundo Mollica (1977), há tendência de os falantes buscarem a complementação direta, mais canônica, o que implica na perda das preposições e no avanço da estratégia cortadora. Com relação à estratégia copiadora, a pesquisadora afirma que não ficou provado seu avanço e que algumas perguntas permanecem sem respostas.

1.3.2. Os estudos de Tarallo (1983)

Tarallo (1983), em seu estudo *Relativization strategies in brazilian portuguese*, analisa dois *corpora*: um constituído por entrevistas com falantes da cidade de São Paulo (dados sincrônicos) e o outro composto por cartas e peças teatrais de diversas regiões do país que foram escritas entre 1725 e 1880.

Tarallo (1983) aponta, em seu estudo, três estratégias de relativização, sendo elas: a padrão (encontrada na escrita e na fala formal) e duas não-padrão (a pronome resumptivo e a cortadora).

(7) Tem as que (e.) não estão nem aí, não é? – Padrão.

(8) Você acredita que um dia teve uma mulher, que ela queria que a gente entrevistasse ela pelo interfone. – Pronome resumptivo.

(9) É uma pessoa que essas besteiras que a gente fica se preocupando (com) (e.), ela não fica esquentando a cabeça. – Cortadora.⁵

Tarallo (1983) procura analisar e explicar em seu trabalho a alternância entre esses três tipos de relativas. Além disso, examina diacronicamente os fatores sintáticos, semânticos, estilísticos e sociais que propiciam o aparecimento dessas formas. Ao selecionar seus informantes, o autor ateu-se ao critério classe social, o que incluiu os critérios renda, educação e ocupação. Foram escolhidos 40 informantes, e estes foram divididos de

⁵ Tarallo (1983, p. 2)

acordo com classe social, idade e sexo. Desses, foram coletadas narrativas espontâneas.

Os outros dados que o autor utilizou comparativamente em suas análises sincrônicas foram: programas de esportes, documentários, entrevistas, mesas redondas e novelas. Com isso, o teórico fez a distinção entre textos que foram redigidos para serem falados e textos que foram escritos para serem lidos. Quanto às novelas, o autor as selecionou por sua popularidade entre os brasileiros e devido ao grande leque de personagens que fazem parte delas. A novela selecionada pelo autor foi *Jogo da Vida*, que possuía representantes da classe média e da classe alta.

A fim de apresentar um levantamento dos efeitos do fenômeno do passado até o presente, Tarallo (1983) apresentou dados diacrônicos para realizar sua pesquisa. O teórico trabalhou com a análise de escritores brasileiros em um *corpus* composto por cartas e peças teatrais de diversas regiões do país que foram escritas entre 1725 e 1880. Esses dados foram divididos em quatro tempos diferentes, de 50 em 50 anos.

Em comparação entre as três estratégias, Tarallo (1983) concluiu que as classes média e alta utilizam a estratégia cortadora, especialmente em fala espontânea. E as classes mais baixas favorecem o uso do resumptivo.

Para o autor, os resultados apontam para uma tendência da substituição da estratégia padrão no discurso pela estratégia cortadora. Na educação, a pressão da escrita vai em direção à estratégia padrão. Ou seja, a classe escolarizada de falantes, juntamente com a influência da escola, evitará essa propagação, e, conseqüentemente, a estratégia em competição com a padrão será a resumptiva. Isso ocorrerá quando houver uma perda de estrutura sintática para corrigir um erro na estrutura sintática escrita.

2 Métodos e procedimentos

Entre um *corpus* composto por 193 atas, foram selecionadas 24 atas de audiência pública para a amostra deste estudo. Através de uma análise prévia, foi possível perceber que o número de páginas/palavras influenciava no aparecimento do fenômeno. Assim, o principal fator que foi levado em consideração para a seleção foi o número de páginas e de palavras que cada ata possuía.

Com o intuito de fazer a verificação, foi feita uma seleção das relativas que ocupam as posições de adjunto adverbial, de adjunto adnominal, de complemento nominal e de objeto indireto. As demais relativas na posição de sujeito foram retiradas desse estudo por não exigirem a preposição.

Considerações finais

Foi encontrado um total de 622 ocorrências de orações relativas, ocupando as posições de objeto indireto, de complemento nominal, de adjunto adnominal e de adjunto adverbial.

Entre o total das ocorrências de relativas, foram encontradas 463 ocorrências da cortadora (74,43%), ou seja, a partir dos resultados iniciais dessa pesquisa, foi possível corroborar a teoria de Tarallo (1983) de que as orações relativas podem estar caminhando a favor das variantes cortadoras.

Foram encontradas 146 ocorrências da relativa padrão (23,47%). Como essa pesquisa aborda o fenômeno na esfera escrita da língua, pode-se levantar a possibilidade de que as relativas não padrão fazem parte do uso diário dos falantes e de que estejam se transferindo para a linguagem escrita.

A variante copiadora foi a menos utilizada, com 13 ocorrências (2,09%). Essa também foi a menos encontrada nos trabalhos com oralidade de Tarallo e Mollica, e, segundo os autores, isso se deve ao fato de ser a mais estigmatizada pelos falantes. Observa-se que o aparecimento dessas ocorrências na escrita levanta a possibilidade do aumento delas na oralidade, já que esses fenômenos passam primeiro por essa parte da língua.

O aparecimento de orações relativas não padrão na escrita levanta a possibilidade de a relativa padrão estar, de fato, desaparecendo da língua, conforme apontam os estudos de Mollica (1977) e de Tarallo (1983).

Referências

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 17. ed. São Paulo: Saraiva, 1964.

- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do PB*. São Paulo: Parábola, 2011.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006
- BORGES, Abilio Cesar. *Resumo da gramática portuguesa para uso das escolas*. 8 ed. Rio de Janeiro: Livraria Clássica Francisco Alves, 1910.
- BRANDÃO, Cláudio. *Sintaxe clássica portuguesa*. Belo Horizonte: UFMG, 1963.
- CÂMARA JR., Mattoso. *História e Estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Padrão, 1979.
- CASTILHO, Ataliba T. *Gramática do PB*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In: Fiorin, José Luiz. (Org.). *Introdução à linguística*. São Paulo: Contexto, 2002.
- COHEN, Maria A. A.; RAMOS, Jânia M. *Dialeto mineiro e outras falas: estudo de variação e mudança linguística*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- COHEN, Maria A. A. ;RAMOS, Jânia M.; et al. *Anais do 1º encontro sobre a diversidade linguística de Minas Gerais: cultura e memória*. Belo Horizonte: UFMG/FALE , 2010.
- CRUZ, José Marques. *Português prático – gramática para as 4 séries do ciclo ginásial*. 24 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1954.
- CUNHA, Celso. CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.
- DIAS, Augusto Epiphânio da Silva Dias. *Syntaxe histórica portuguesa*. 4 ed. Lisboa: Livraria Clássica editora, 1959.
- KATO, M. *etalli*. 1996. As construções QU- no PB falado: perguntas, clivadas e relativas. In: KOCH, I (org). *Gramática do português falado (VI): desenvolvimentos*. São Paulo: Unicamp/Fapesp.

KATO, Mary A. ALLII, D. C. E. Topicalização e deslocamento à esquerda. In: CASTILHO, Ataliba de. (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: Editora Unicamp/FAPESP, 1993. v. III, p. 315-362.

KURY, Adriano da Gama. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: LISA, 1972.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno; Maria Martha Pereira Scherre; Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LEME, Odilon Soares. *Assim se escreve... Gramática – Assim escreveram... Literatura: Brasil – Portugal*. São Paulo: EPU, 1934.

LUCCHESI, Dante. A teoria da Variação linguística: um balanço crítico. In: *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 41 (2): p. 793-805, maio-ago 2012.

MENDES DE ALMEIDA, Napoleão. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. 17 ed. São Paulo: Saraiva, 1964.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. Anáforas em relativas no português do Brasil. In: *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, nº 41, 1997. p. 171-179.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. *Estudo da cópia nas construções relativas em português*. Rio de Janeiro, 1977. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. 1989. *Queísmo e dequeísmo no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro tese de doutorado.

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. Relativas em tempo real no PB contemporâneo. In: Paiva, Maria Conceição. Duarte, Eugenia Lamoglia. (Orgs.). *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003. p. 129-138

MOLLICA, Maria Cecília de Magalhães. Sobre processos sintáticos que

migram da fala para a escrita. In: FACE, Timothy L. KLEE, Carol A. (Orgs.). *Symposium*. 2 ed. Somerville: Cascadilla Proceedings Project, 2006. v 2. pp. 167-171.

PAIVA, Maria C. DUARTE, Maria E. L. (Orgs.) *Mudança linguística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. 4 ed. São Paulo: 2007.

PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

RIBEIRO, João. *Grammatica portugueza*. 7 ed. Rio de Janeiro: Clássica de Alves & C., 1896.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

SAVIOLI, Francisco Platão. *Gramática em 44 lições*. 6 ed. São Paulo: Ática, 1984

TARALLO, Fernando. *A pesquisa Sociolinguística*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

TARALLO, Fernando. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Pennsylvania, 1983. Dissertation (Ph.D) - University of Pennsylvania.

TEIXEIRA, José A. O falar mineiro. In: *Revista do arquivo municipal*. v. XLV. São Paulo: Clichês de Lastrri & Heikaus, 1938.

TÔRRES, Artur de Almeida. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 10 ed. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura S.A., 1960.

WEINREICH, U. LABOV. W. HERZOG, M. I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.